

**Quando a sexualidade aparece no divã on-line:  
Compreensão e manejo das situações envolvendo a sexualidade no  
atendimento psicológico mediado por tecnologia**

**When sexuality appears on the online divan:  
Understanding and management of situations involving sexuality in  
psychological care mediated by technology**

DOI:10.34117/bjdv6n3-010

Recebimento dos originais: 29/02/2020

Aceitação para publicação: 03/03/2020

**Alessandra Carvalho Abrahão Sallum**

especialista em psicoterapia psicanalítica

Uniube

Endereço: Rua vigário Silva, 1332, bairro bom retiro. Uberaba – MG, CEP 38022190

E-mail: alessandrapsicologa@gmail.com

**RESUMO**

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação tem permeado a maneira como a subjetividade e a intersubjetividade se desenvolvem. Através das tecnologias, barreiras de espaço e tempo de comunicação tem sido quebradas. A psicologia estuda e busca compreensão exatamente acerca desses fenômenos individuais e sociais de manifestação da subjetividade. Dentre os conteúdos trabalhados em qualquer processo de psicoterapia, e a modalidade online não fica fora disso, está a sexualidade e toda a sua complexidade. Tem-se como objetivo neste trabalho trazer maior compre-ensão e melhorar o manejo das situações envolvendo a sexualidade no atendimento psicológico mediado por tecnologia. Para isso, abordar-se-ão os conceitos de subjetividade e sexualidade. Inclu-ir-se-á o que há de mais atual em termos de normativas para a prática clínica mediada por tecnologi-as, contemplando uma discussão acerca do manejo clínico dos temas da sexualidade no atendimen-to psicológico online.

**Palavras-chave:** Psicologia online, Sexualidade, Subjetividade.

**ABSTRACT**

The New Information and Communication Technologies have permeated the way in which subjectivity and intersubjectivity develop. Through technologies, barriers of space and time of communication have been broken. Psychology studies and seeks understanding exactly about these individual and social phenomena of manifestation of subjectivity. Among the contents worked on in any psychotherapy process, and the online modality is not out of that, there is sexuality and all its complexity. The aim of this work is to bring greater understanding and improve the handling of situations involving sexuality in psychological care mediated by technology. For that, the concepts of subjectivity and sexuality will be approached. The most current in terms of standards for clinical practice mediated by technologies will be included, including a discussion about the clinical management of sexuality themes in online psychological care.

**Keywords:** Online psychology, Sexuality, Subjectivity.

## 1 INTRODUÇÃO

A psicologia é uma ciência em constante transformação, numa tentativa interminável de acompanhar a fluidez e flexibilidade da mente humana. A cada geração, as transformações sociais são reflexo da dinâmica psíquica dos indivíduos, e, de forma dialética, vemos que a subjetividade reflete as mudanças do grupo social em que os indivíduos se inserem. As relações humanas atualmente se veem permeadas pela tecnologia. A forma como os sujeitos amam, expressam seus sentimentos e manifestam sua sexualidade também. Cartas e bilhetes foram substituídos por e-mails e, posteriormente, por mensagens em redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas como o WhatsApp, por exemplo. Frases inteiras são substituídas por emoticons, que são uma forma de comunicação paralinguística, ou seja, que contém aspectos não verbais que acompanham a linguagem verbal.

A psicoterapia e a relação terapêutica da dupla analítica não poderiam estar alheias a esse cenário. Cada vez mais, os recursos tecnológicos estão se inserindo neste campo, como demanda dos próprios pacientes. Os psicólogos precisaram se adaptar. É disso que se trata este artigo de revisão bibliográfica, baseada em uma seleção de textos científicos, que abordam assuntos pertinentes ao tema proposto, realizando-se uma leitura analítica e interpretativa deste conteúdo para construir novos saberes acerca da diversidade da vivência sexual humana.

Tem-se como objetivo trazer maior compreensão e melhorar o manejo das situações envolvendo a sexualidade no atendimento psicológico mediado por tecnologia. Para isso, abordar-se-ão os conceitos de subjetividade e sexualidade. Incluir-se-á o que há de mais atual em termos de normativas para a prática clínica mediada por tecnologias, contemplando uma discussão acerca do manejo clínico dos temas da sexualidade no atendimento psicológico online.

## 2 SUBJETIVIDADE, SEXUALIDADE E TECNOLOGIA

Conforme o sujeito se apropria de seu contexto e relações sociais, inicia-se a formação da subjetividade. Ela se refere ao processo pelo qual algo passa a constituir e pertencer ao indivíduo, de modo que tal pertencimento se torna único, singular. Dessa forma, o que é universal converte-se em único e o indivíduo passa a pertencer ao gênero humano, contribuindo com suas particularidades. O contexto histórico e sociocultural em que a pessoa se insere, juntamente com a relação dialética de objetividade e subjetividade, proporcionarão elementos para que esse alguém se desenvolva como sujeito. O homem pertence a uma sociedade cujas peculiaridades condicionam a construção dos indivíduos que dela fazem parte.

Desta forma, subjetividade e objetividade se constituem uma à outra, sem se confundir (AITA e FACCI, 2011).

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) tem permeado a maneira como a subjetividade e a intersubjetividade se desenvolvem. Através das tecnologias, barreiras de espaço e tempo de comunicação tem sido quebrada. Os relacionamentos em muitas situações são pautados pelo avanço das NTICs.

Nada disso passa despercebida pela prática da psicologia, que estuda e busca compreensão exatamente acerca desses fenômenos individuais e sociais de manifestação da subjetividade. Assim, ao estudar as mudanças comportamentais que se deram no decorrer dos séculos, buscamos adequar nossas práticas para podermos alcançar essas novas camadas de relacionamento humano.

Ao discutir o papel da psicologia e a singularidade da relação psicoterapêutica, Pitanga (2016, p. 11) destaca que:

A psicoterapia é uma profissão voltada especialmente para o cuidado com o ser humano. Tem como fundamento ajudar pessoas a lidar com sentimentos e pensamentos aversivos, promover mudanças e ampliação de repertórios comportamentais, autoconhecimento, bem-estar e relações interpessoais saudáveis. É um trabalho que se configura basicamente no encontro entre duas ou mais pessoas, pautado geralmente em diálogos, reflexões, procedimentos técnicos, objetivos a serem alcançados e transformação.

As NTICs podem aproximar e dar uma sensação de intimidade que, quando não compreendidas, interferem no processo terapêutico. Podemos lançar mão desses recursos para implementar espaços de comunicação que sejam familiares a nossos pacientes. Precisamos nos inteirar da maneira como eles interagem nesses ambientes tecnológicos e poder fazer intervenções pertinentes, sem julgamentos ou ruídos na comunicação e relação terapeuta-paciente. Para Miskolci (2009, p. 179):

A sociabilidade desenvolvida online tem algumas características distintivas em relação à off line, dentre as quais se destaca essa possibilidade de ‘coleccionar contatos’ e ‘deletá-los’, o que aponta tanto para a facilidade de criação de redes extensas, quanto para sua rápida dissolução. A ‘etiqueta’ online tende a sofrer considerável mudança quando se conhece a pessoa no cotidiano, pois a dinâmica relacional se impõe e torna mais difícil o ‘descarte’ do interlocutor.

Civiletti (2002) pondera que diversos autores veem essa interação terapêutica no ambiente virtual com muita reserva, temendo uma crise de identidade profissional e perda das características do setting terapêutico. Já outros mais otimistas, consideram uma oportunidade para a geração de uma “inteligência coletiva” e uma “tecnodemocracia”, celebrando as vantagens de uma vida também digital. É nesse ambiente ainda pouco pacificado teoricamente, que se eleva o atendimento psicológico online, trazendo consigo pacientes em sofrimento e todos os elementos emocionais oriundos dessa nova sociedade trespassada pelas NTICs.

Dentre os conteúdos trabalhados em qualquer processo de psicoterapia, e a modalidade online não fica fora disso, está a sexualidade e toda a sua complexidade. Miscolci (2009, p. 188), analisando a obra de Foucault diz:

Michel Foucault explorou em detalhes o fenômeno histórico que trouxe a sexualidade ao discurso desde a técnica cristã da confissão até a psicanálise (...). Segundo o filósofo, o dispositivo histórico da sexualidade se caracteriza pela inserção do sexo em formas de regulação baseados em uma rede de discursos. No presente, não seria exagero afirmar, a internet é um dos microdispositivos da sexualidade.

A sexualidade, conforme assinala Cesnik (2010, p. 25), é uma dimensão fundamental do ser humano, sendo muito mais abrangente que a genitalidade em si, estando presente em todas as etapas do ciclo vital e apresentando características diversas em cada fase do desenvolvimento do ser humano. Para ela, “a sexualidade é um termo bastante abrangente, que engloba uma integração das dimensões física, psicológica e social dos indivíduos”. Este conceito vai muito além do ato sexual com finalidade reprodutiva, pois envolve o que somos como homem ou mulher, trazendo à consciência a compreensão de que nenhuma das partes é preponderante à outra, ou possui qualquer prioridade para ter seus desejos satisfeitos.

Essa ideia, contudo, ainda é permeada na atualidade por questões culturais, que enviesam a compreensão da sexualidade, contaminadas por educação repressora, machismo e outros diversos tabus.

### **3 PRATICAS CLÍNICAS MEDIADAS POR TECNOLOGIA**

As Práticas Clínicas Mediadas por Tecnologias são as práticas psicológicas que empregam novas tecnologias de informação e comunicação juntamente com a internet, que tem como meta alcançar segmentos da população com algum tipo de impedimento para ter acesso aos serviços de saúde mental, bem como alcançar também os profissionais desse ramo,

distantes dos centros de formação, promovendo aprimoramento e qualificação dessas equipes, para que possam oferecer serviços de qualidade. Essa modalidade de trabalho vem preencher a lacuna existente entre os serviços psicológicos qualificados e a população que necessita deles, com a vantagem do menor custo e maior acessibilidade.

Suas principais modalidades, segundo Siqueira e Russo (2018), são: [1] as intervenções psicológicas realizadas através de programas de computador, com ou sem a orientação de um profissional de saúde; e [2] também as intervenções psicológicas realizadas por profissionais especialistas em suas abordagens, mediadas por tecnologias, ou terapia online.

Vale ressaltar que nas duas modalidades são empregadas abordagens terapêuticas com eficácia comprovada. A partir do momento que nos propomos a atender mediados por tecnologias, estamos sujeitos a práticas de toda forma, desde as mais éticas e cuidadosas, até as mais precárias. A elaboração e cumprimento de um guideline<sup>1</sup>, apesar de não possuir força de lei, apenas de recomendação, contribui para a promoção de boas práticas nessa área do conhecimento e atuação profissional, uniformizando a prática, estabelecendo parâmetros e limites, e favorecendo as práticas terapêuticas. Uma das preocupações levadas em consideração para a elaboração desse guia de boas práticas é incluir o que há de mais moderno e mais bem estabelecido, em termos de legislação e conduta nos atendimentos mediados por tecnologia no mundo. Assim, poder-se-á garantir uma padronização de atendimentos, com maior nível de qualidade, e a capacitação técnica dos profissionais envolvidos em tal tarefa.

Deve-se primar pela segurança dos atendimentos, dados gerados e informações decorrentes deste trabalho. De forma alguma pode-se expor o terapeuta, ou os pacientes, a um atendimento ou ambiente nas redes, sem os pré-requisitos de segurança preconizados na lei 12.965/14, Marco Civil da Internet. A todo momento ter-se-á em mente que, como quem oferece um serviço, é de responsabilidade do profissional estabelecer a segurança nos atendimentos online aos pacientes, acatando os padrões da legislação vigente nacional e internacionalmente.

O artigo 7º desta lei preconiza a inviolabilidade e sigilo do fluxo de comunicações pela internet e de comunicações privadas, salvo por ordem judicial. Nesse sentido, há a necessidade

---

<sup>1</sup> As guidelines constituem uma excelente ponte entre a medicina baseada na evidência e a prática clínica. A adesão a essas normas pode contribuir para melhorar a qualidade dos cuidados, para reduzir variações não apropriadas na prática clínica e para melhorar a relação custo-efetividade nos cuidados de saúde. Para além disso, as guidelines poderão servir para sustentar uma melhor alocação de recursos. Em síntese, são estas as principais razões para defender o uso das guidelines.

TEIXEIRA, João M. **A Ética das Guidelines**. Saúde Mental. Volume XII Nº5 setembro/outubro 2010. site: <[http://www.saude-mental.net/pdf/vol12\\_rev5\\_editorial.pdf](http://www.saude-mental.net/pdf/vol12_rev5_editorial.pdf)> Acessado em 21/11/2018.

de lançar mão de meios criptografados para comunicações com os pacientes. Além disso, os dados devem ser reservados em nuvem privada, evitando arquivamento na própria máquina, vulnerável a alguma intercorrência. Finalmente, cabe ressaltar que, de forma alguma, se deve salvar ou gravar conteúdos provenientes desses atendimentos, apenas as informações de cadastro do paciente e registro de acesso ao sistema devem ser mantidas para controle pessoal e eventuais solicitações judiciais.

Termo criado por SIQUEIRA e RUSSO (2018, p. 64), a Telepsicologia emprega diversas TICs.

Telepsicologia é um segmento da Telessaúde que emprega novas tecnologias de informação e comunicação associadas à internet, com o objetivo de aumentar o acesso da população à prestação de serviços psicológicos de alta qualidade, bem como promover a educação continuada (atualização) de profissionais da saúde mental, que se encontram distantes dos grandes centros, por meio da educação online.

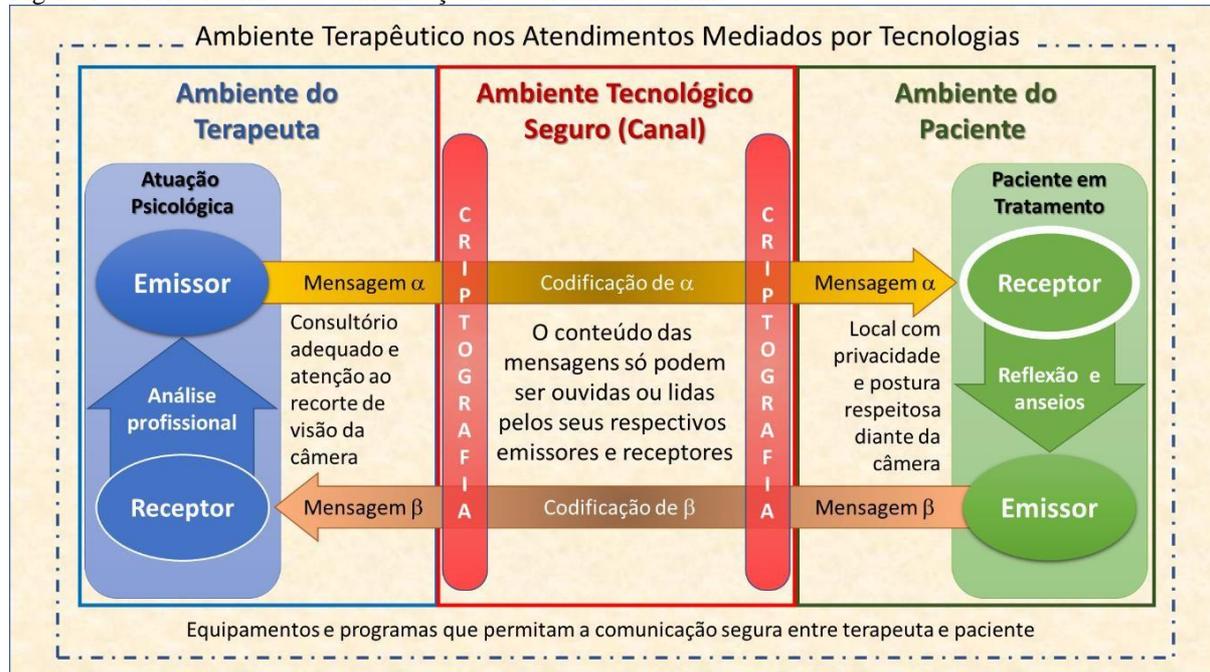
A nova resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que regulamenta a telepsicologia é a resolução CFP 11/2018, regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação<sup>2</sup>, que revoga a resolução CFP 11/2012, e prevê que a prestação de serviços psicológicos mediados por tecnologias está condicionada a um cadastro do profissional junto ao Conselho Regional de Psicologia (CRP); não havendo mais o limite de vinte sessões para o trabalho. Há algumas especificações como: atendimentos online de crianças e adolescentes deve contar com o consentimento expresso de ao menos um dos responsáveis legais, e ocorrer apenas mediante avaliação de viabilidade técnica por parte do psicólogo; o atendimento de pessoas em situação de urgência e emergência, ou de violação de direitos e violência, deverá ser realizado de forma presidencial.

A importância dessa resolução está ligada ao fato de aumentar o alcance e o acesso dos serviços de saúde mental, diminuindo custos e viabilizando horários, além de aumentar a oferta desse trabalho, acolhendo uma demanda que muitas vezes não pode ser alcançada por diversos fatores. Vale ressaltar também que a nova resolução eleva os serviços de atendimento psicológico aos níveis internacionais, visto que outros países já se encontravam bem mais abertos para acolher essa prática, reconhecendo sua relevância e viabilidade, modernizando o trabalho.

<sup>2</sup> Para consultar o texto completo desta resolução, pode-se acessá-lo no endereço <<https://e-psi.cfp.org.br/resolucao-cfp-no-11-2018/>>

Existe uma sequência de boas práticas para realização de atendimentos psicológicos. Quando há num atendimento mediado por tecnologias, alguns cuidados a mais precisam estar presentes.

Figura 1 – Ciclo sistêmico da comunicação no atendimento on-line



Fonte: Elemento idealizado pela autora baseada no modelo cibernético de Wiener citada por VASCO (2009, pag. 32 a 34).

O Ambiente Terapêutico nos Atendimentos Mediados por Tecnologias, esquematizado acima, foi dividido em três locais, o primeiro e o terceiro são físicos, onde se encontram as duas partes envolvidas na sessão de terapia. Já o segundo local é totalmente virtual, integrando tanto os equipamentos (computadores, tablets, smartphones, etc.) quanto o complexo da internet e tudo necessário para seu funcionamento eficiente.

Inicialmente, precisa-se estruturar a aparência e vestimenta, cuidando para nos apresentarmos com roupas adequadas, lembrando do recorte de visão da câmera. A pele deve estar com aspecto de frescor e a apresentação geral deve ser de disposição. As roupas devem ser discretas, respeitando o estilo pessoal de cada profissional.

Em relação ao ambiente onde se dará a sessão, a iluminação e o plano de fundo devem ser preparados com especial atenção. A luz deve ser suficiente para proporcionar boa visibilidade, melhorando a sensação de presença. Luzes que nos empalidecem muito, ou

ambientes de penumbra devem ser evitados. O plano de fundo deve estar organizado e sem excesso de estímulos que possam distrair o paciente em demasia.

Enquanto componentes de um sistema de comunicação, o psicólogo e seu paciente devem ter uma interação fluida, natural e que favoreça o estabelecimento do vínculo terapêutico. As mensagens partem tanto de um lado como de outro, formado um ciclo, onde cada um se reveza como emissor e receptor da conversa. No momento em que o psicólogo faz uma colocação, a mensagem vai ao paciente, que possui suas barreiras de compreensão, ou resistências à intervenção, gerando uma reação a respeito do tema proposto pelo profissional. Assim, o paciente formula seus pensamentos e inicia sua atuação como emissor, elaborando a mensagem resposta e emitindo-a para o terapeuta. Esta resposta, chegando ao profissional, encontra barreiras (bordas brancas nas atividades de receptor no esquema da figura 1), preferencialmente menores do que as do cliente. O terapeuta analisa tecnicamente o contexto e inicia seu próximo ciclo de emissor efetuando suas interações, interpretações, propondo novos temas ou consolidando a compreensão alcançada.

O ambiente tecnológico seguro contempla hardwares com capacidade compatível aos softwares utilizados. Estes devem possuir criptografia<sup>3</sup> de ponta a ponta, serem originais e estarem em sua última versão. Os equipamentos são motivo de atenção, pois precisam estar checados e reiniciados com antecedência, lembrando de manter nobreak conectado, Powerbank<sup>4</sup> e baterias carregadas.

Devemos lembrar de desativar todos os demais programas, notificações, providenciar fones de ouvido em bom funcionamento e um extra, além de um relógio externo, água e demais mecanismos para o plano B. O plano B é o nosso guia para situações que envolvam imprevistos, rompendo, de alguma maneira, o fluxo do atendimento, juntamente com o paciente, o terapeuta traça caminhos alternativos para reestabelecer o contado e dar continuidade à sessão.

Finalmente, devemos ter certeza que esta sessão foi previamente confirmada, que os protocolos de emergência estão bem definidos, e que nossa postura diante da câmera (que deve estar á altura dos olhos e a uma distância do profissional ideal para um bom enquadramento)

<sup>3</sup> Criptografia: trata-se de um conjunto de regras que visa codificar a informação de forma que só o emissor e o receptor consigam decifrá-la, tornando-a mais segura e sigilosa. A criptografia de ponta a ponta significa que apenas os usuários envolvidos na conversa terão acesso às mensagens, já que para descriptografá-las é necessário possuir uma chave particular, que somente eles possuirão. Em psicologia o sigilo é fundamental. Desta forma, para garanti-lo nos atendimentos on-line, buscamos utilizar ferramentas com criptografia de ponta a ponta.

<sup>4</sup> Um Powerbank é um dispositivo portátil que consegue fornecer energia através de um cabo USB, como se fosse um carregador normal de smartphone ou tablet.

está confortável e adequada. Os protocolos de emergência, a saber, são práticas imprescindíveis no manejo clínico, a partir deles, visamos estabelecer uma rede de apoio ao paciente e ao trabalho terapêutico, em casos de urgências e emergências. Podemos tomar nota de nomes e telefones de pessoas próximas ao paciente, que se disponham a dar suporte caso necessário. Contatos de médicos e hospitais da confiança do paciente também são registrados e podem ser acionados.

#### **4 O MANEJO DA SEXUALIDADE NO CONTEXTO DO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ON-LINE**

Constantemente, o papel da psicologia e dos terapeutas está em modificação para adaptação a novos padrões culturais e sociais. Na sociedade pós-moderna, regida pela comunicação e interação mediada por tecnologia, pela mobilidade urbana apressada e exigência de rendimentos e resultados cada vez mais altos, é necessário que os profissionais de saúde mental acompanhem o fluxo da evolução. A cada dia, os métodos tradicionais de atendimento psicológico, de interações sociais e de manifestações da subjetividade e da intersubjetividade estão permeados por novas formas de comunicação, por novos saberes (LEITÃO et al., 2005).

Lembrando das características essenciais ao analista citadas por Zimerman (2004) ao fazer uma revisão da obra de Bion, é importante mencionar a capacidade negativa, de estar a todo momento aberto para o que o paciente trazer para o contexto terapêutico, sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia.

E para que possamos colocar estas capacidades em prática, é necessária uma modernização constante dos métodos e técnicas de trabalho do analista, caso contrário, estaremos com pensamentos aquém de nossa época, corremos grande risco de deslizar para um campo perigoso, onde julgamos por não compreensão das novas técnicas de comunicação introduzidas no campo analítico.

Para conseguirmos exercer a capacidade de sermos continentais aos conteúdos emocionais de nossos pacientes, precisamos compreender que na sociedade pós-moderna as relações interpessoais estão permeadas pela tecnologia a todo instante. Precisamos entender também as novas maneiras como a subjetividade se expressa e as interferências que sofre. Só conseguiremos auxiliar na elaboração dos conteúdos a nós trazidos pelo paciente, se conseguirmos assimilar sua realidade, e a tecnologia faz parte desse processo de compreensão, para a transformação de elementos brutos em elaborações, interpretações (CIVILETTI, 2002).

Nesse sentido, valem as palavras de Bauman (2004, p. 39):

A proximidade virtual reduz a pressão que a contiguidade não-virtual tem por hábito exercer. Ela também estabelece o padrão para todas as outras proximidades. Toda proximidade está agora no limite de medir seus méritos e falhas pelo modelo da proximidade virtual.

São primordiais a capacitação e o aprimoramento pessoal e profissional do terapeuta que se propõe a fazer parte desta realidade pós-moderna, ou estará alheio às reais necessidades daquele que se coloca em suas mãos. Além desse constante aprimoramento, é imprescindível o compromisso científico, atuando com responsabilidade, desenvolvendo estudos que envolvam as novas tecnologias e suas implementações de forma consistente e ética, estabelecendo padronização e adaptação para a realidade em que serão utilizadas.

Toda essa efervescência de conteúdos e mudanças de paradigma acontecem num campo relacional muito específico e delicado, a relação psicoterapêutica.

A relação psicoterapêutica pode ser definida como uma vivência significativa, colaborativa e profunda, que exige do psicoterapeuta observação atenta de si mesmo e dos comportamentos do paciente emitidos durante a sessão, levando em consideração a dinâmica de mútua influência que envolve sentimentos, pensamentos, intimidade, capacidade de se vulnerabilizar, coragem e transformação de ambas as partes. (PITANGA, 2016, p. 14)

Assim sendo, para que a sexualidade possa ser acolhida em toda a sua diversidade de manifestações dentro do processo terapêutico online, é imperativo que o psicólogo saiba, de antemão, lidar com a sua própria sexualidade, compreendendo-se como um ser moldado numa sociedade heteronormativa<sup>5</sup> e repleta de tabus e machismos. Ele, por si só, precisara abrir seu horizonte de elaboração interna desse tema, para que consiga auxiliar o paciente em seus conflitos e sofrimentos ligados à vivência sexual.

Além disso, dentro do processo analítico da dupla terapeuta-paciente, o primeiro necessita compreender e saber identificar os conteúdos transferenciais que, em grande medida, são facilitados pela aparente proximidade e intimidade que o ambiente online favorece.

---

<sup>5</sup> A heteronormatividade é a compreensão de que a nossa sociedade toma como padrão a vivência heterossexual.

## 5 CONCLUSÃO

A partir do momento que um profissional se propõe a atender pacientes mediado por tecnologias, ele assume a tarefa de estar ainda mais sujeito a críticas e avaliações, por parte tanto do próprio paciente, como de toda a sociedade, ao passo que se aventura por um campo novo do saber, em diversos aspectos. É novo, pois os profissionais não são nativos digitais<sup>6</sup>, assim como grande parte da sociedade. Apenas os mais jovens têm a oportunidade de, desde muito cedo em suas existências, encontrarem na tecnologia abrigo e meio de expressão de suas subjetividades. É novo também porque ainda está em pleno desenvolvimento. É novo, por fim, já que ainda é pouco difundida a existência de pesquisas que comprovem sua efetividade, para quebrar os tabus. É um tabu o relacionamento entre humanos permeado por tecnologia, essa realidade ainda desperta medo em muitos, mas curiosidade também. Onde há curiosidade e perspectivas, a ciência pode florescer, apesar das críticas.

Assumida com coragem, a responsabilidade do profissional é não só com o paciente, mas com toda a classe, pois será pioneiro, desbravando tão rico campo de pesquisa e evidenciando suas possibilidades. Ao atuar pautado em critérios de excelência, ele elevará toda uma categoria profissional.

Em outros países, já há uma tradição maior do uso dessa modalidade de atendimento. O Brasil cresceu quando, após nosso governo ter promulgado o marco civil da internet, o CFP aprovou a nova resolução, ampliando o campo de atuação da psicologia, podendo, com essa nova prática, acolher até os pacientes de mais difícil acesso, atentando, claro, para as especificidades e limitações dela.

Ao associar o atendimento online ao tema da sexualidade, potencializa-se o risco de incorrer em julgamentos de ordem moral por ambas as partes. O paciente, que vivencia esse novo modo de interação, encontra campo fértil para expressão de sua sexualidade, positiva ou negativamente. O terapeuta, por sua vez, se debate para desvencilhar sua mente de antigos métodos, assim como de seus próprios preconceitos.

Já é assunto sensível a manifestação de sexualidade no setting analítico. Em muitos casos gera enorme desconforto. Agora, com o ambiente virtual como nova variável neste sentido, potencializam-se possibilidades e temores. A coragem e o desprendimento de ambas

---

<sup>6</sup> “Os nativos digitais, segundo Prensky (2001), possuem a capacidade de realizar múltiplas tarefas, o que representa uma das características principais dessa geração. Ainda segundo esse autor, essa nova geração é formada, especialmente, por indivíduos que não se amedrontam diante dos desafios expostos pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e experimentam e vivenciam múltiplas possibilidades oferecidas por novos aparatos digitais”. (COELHO, 2012, p. 90)

as partes farão crescer uma relação de genuíno vínculo de confiança, onde a intersubjetividade florescerá em novos saberes.

## REFERÊNCIAS

- AITA, Elis Bertozzi. FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Subjetividade:** uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682011000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005)>.  
Acesso em: 09/09/2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.
- CESNIK, Vanessa Monteiro. **A vida sexual de mulheres após a mastectomia:** Uma análise qualitativa. Monografia de Conclusão do Programa Optativo de Bacharelado em psicologia. Ribeirão Preto, 2010.
- CIVILETTI, Maria Vittoria Pardal. PEREIRA, Ray. **Pulsões contemporâneas do desejo:** paixão e libido nas salas de bate-papo virtual. *Psicologia: Ciência e Profissão*. vol.22 n.º1 Brasília, Mar. 2002. Disponível em:  
< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000100006)>.  
acessado em 17/12/2018.
- COELHO, Patrícia Margarida Farias. **Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas.** Texto livre: linguagem e tecnologia, Volume: 5 – Número: 2. Páginas 88 a 95. São Paulo: Pontifícia Católica, 2012. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/viewFile/2049/7254>>.  
acessado em 21/11/2018.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. **Resolução CFP Nº 11/2018.** Disponível em: < <https://e-psi.cfp.org.br/resolucao-cfp-no-11-2018/>>. Acesso em: 21/11/2018.
- LEITÃO, Carla Faria. ABREU, Rosane Dos Santos. NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Profissionais à deriva:** professores e psicoterapeutas na sociedade em rede. *Interações* - vol. X, n.º19. São Paulo, jan-jun. 2005, pag. 151 a 174. Disponível em:  
< [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-29072005000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000100008)>.  
Acesso em: 17/12/2018.

MISKOLCI, Richard. **O armário ampliado**: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Revista Gênero, vol. 9, n.º 2. Niterói, 2009. Disponível em:

< <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/88/64>>. Acesso em: 17/12/2018.

PITANGA, Artur Vandré. **Conversas sobre sentimentos sexuais na relação terapêutica**. – Tese de doutorado – PUC-GO, Goiânia, 2016. Disponível em:

<<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/2041/1/Artur%20Vandre%20Pitanga.pdf>>

Acesso em: 17/12/2018.

SIQUEIRA, Cláudia Catão Alves. RUSSO, Marcelo Nascimento. **Psicoterapia on-line**: ética, segurança e evidências científicas sobre práticas clínicas mediadas por tecnologias. São Paulo: Zagodoni Editora, 2018.

TEIXEIRA, João M. **A Ética das Guidelines**. Saúde Mental. Volume XII Nº 5

Setembro/Outubro

2010.

Disponível

em:

<[http://www.saude-mental.net/pdf/vol12\\_rev5\\_editorial.pdf](http://www.saude-mental.net/pdf/vol12_rev5_editorial.pdf)>. Acesso em: 21/11/2018.

VASCO, Nuno Miguel Chuva. **Arte**: comunicação ou não comunicação? Da objectividade elementar à subjectividade artística. – Tese de doutorado – Aveiro (PT): Universidade de Aveiro, 2009.

ZIMERMAN, David E. **Manual de técnica psicanalítica**: uma re-visão. Porto Alegre: Artmed, 2004.